

WISŁAWA SZYMBORSKA

Um amor feliz

Seleção, tradução e prefácio
Regina Przybycien

PRÊMIO  NOBEL
COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright de todos os poemas de Wisława Szymborska
© by The Wisława Szymborska Foundation, www.szymborska.org.pl
Copyright da seleção e do prefácio © 2011 by Regina Przybycien
Copyright de "O poeta e o mundo" © 1996 by The Nobel Foundation



THE WISŁAWA SZYMBORSKA FOUNDATION

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

Victor Burton

Foto de capa

Sipa/ Newscom/ Fotoarena

Preparação

Silvia Massimini Felix

Revisão

Marina Nogueira

Isabel Jorge Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Szymborska, Wisława, 1923-2012.

Um amor feliz / Wisława Szymborska ; seleção, tradução e
prefácio de Regina Przybycien — 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

ISBN 978-85-359-2788-7

1. Poesia polonesa 1. Título.

16-05651

CDD-891.851

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura polonesa 891.851

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

Prefácio — <i>O número Pi e a poesia,</i> Regina Przybycien	13
DE CHAMANDO POR YETI WOŁANIE DO YETI, 1957	
Noite	
<i>Noc</i>	24
Nada duas vezes	
<i>Nic dwa razy</i>	30
Ópera bufa	
<i>Buffo</i>	34
Rememoração	
<i>Upamiętnienie</i>	38
Funeral	
<i>Pogrzeb</i>	42
Ainda	
<i>Jeszcze</i>	46
Natureza-morta com um balãozinho	
<i>Martwa natura z balonikiem</i>	50
De uma expedição não realizada ao Himalaia	
<i>Z nieodbytej wyprawy w Himalaje</i>	54
Sonho de uma noite de verão	
<i>Sen nocy letniej</i>	58
Atlântida	
<i>Atlantyda</i>	60

Um instante em Troia	
<i>Chwila w Troi</i>	66
O resto	
<i>Reszta</i>	70
Umas palavrinhas	
<i>Słówka</i>	72
Elegia de viagem	
<i>Elegia podróżna</i>	74
Um encontro inesperado	
<i>Niespodziane spotkanie</i>	78
Bodas de ouro	
<i>Złote gody</i>	80
Campo da fome em Jasło	
<i>Obóz głodowy pod Jasłem</i>	84
Parábola	
<i>Przypowieść</i>	88
As mulheres de Rubens	
<i>Kobiety Rubensa</i>	90
Concurso de beleza masculina	
<i>Konkurs piękności męskiej</i>	94
Prólogo a uma comédia	
<i>Prolog komedii</i>	96
*** (Estou perto demais)	
*** (<i>Jestem za blisko</i>)	98
Na torre de Babel	
<i>Na wieży Babel</i>	102
Água	
<i>Woda</i>	104
No rio de Heráclito	
<i>Wrzece Heraklita</i>	108

DE MUITO DIVERTIDO
STO POCIECH, 1967

Riso	
<i>Śmiech</i>	112
Censo	
<i>Spis ludności</i>	116
Monólogo para Cassandra	
<i>Monolog dla Kasandry</i>	120
Decapitação	
<i>Ścięcie</i>	124
Pietà	
<i>Pietà</i>	126
Inocência	
<i>Niewinność</i>	128
Filme — anos sessenta	
<i>Film — lata sześćdziesiąte</i>	130
Thomas Mann	
<i>Tomasz Mann</i>	132

DE TODO O CASO
WSZELKI WYPADEK, 1972

Engano	
<i>Pomyłka</i>	138
As cartas dos mortos	
<i>Listy umarłych</i>	140
Autotomia	
<i>Autotomia</i>	142
Um amor feliz	
<i>Miłość szczęśliwa</i>	146

DE UM GRANDE NÚMERO
WIELKA LICZBA, 1976

Salmo

Psalm 152

Visto do alto

Widziane z góry 156

Sorrisos

Uśmiechy 158

Elogio à irmã

Pochwała siostry 162

Número Pi

Liczba Pi 164

DE GENTE NA PONTE
LUDZIE NA MOŚCIE, 1986

Medo do palco

Trema 170

Sobre a morte sem exagero

O śmierci bez przesady 174

A casa de um grande homem

Dom wielkiego człowieka 178

Feira dos milagres

Jarmark cudów 182

DE FIM E COMEÇO
KONIEC I POCZĄTEK, 1993

Céu

Niebo 188

Pode ser sem título

Może być bez tytułu 192

O ódio

Nienawiść 196

Cálculo elegíaco	
<i>Rachunek elegijny</i>	200
Grande sorte	
<i>Wielkie to szczęście</i>	204
DE INSTANTE	
<i>CHWILA, 2002</i>	
Instante	
<i>Chwila</i>	210
O silêncio das plantas	
<i>Milczenie roślin</i>	214
Poça d'água	
<i>Kałuża</i>	218
O primeiro amor	
<i>Pierwsza miłość</i>	220
Fotografia de 11 de setembro	
<i>Fotografia z 11 września</i>	222
Bagagem de volta	
<i>Bagaż powrotny</i>	224
Anotação	
<i>Notatka</i>	228
DE DOIS PONTOS	
<i>DWUKROPEK, 2006</i>	
Ausência	
<i>Nieobecność</i>	232
ABC	
<i>ABC</i>	236
Acontecimento	
<i>Zdarzenie</i>	238
Consolação	
<i>Pociecha</i>	242

O velho professor	
<i>Stary profesor</i>	246
A cortesia dos cegos	
<i>Uprzejmość niewidomych</i>	250
Desatenção	
<i>Nieuwaga</i>	254
DE AQUI	
TUTAJ, 2009	
Aqui	
<i>Tutaj</i>	260
Pensamentos que me visitam nas ruas movimentadas	
<i>Myśli nawiedzające mnie na ruchliwych ulicach</i>	266
Uma ideia	
<i>Pomysł</i>	270
Adolescente	
<i>Kilkunastoletnia</i>	274
Vida difícil com a memória	
<i>Trudne życie z pamięcią</i>	278
Microcosmo	
<i>Mikrokosmos</i>	282
Divórcio	
<i>Rozwód</i>	286
Terroristas	
<i>Zamachowcy</i>	288
Exemplo	
<i>Przykład</i>	290
Identificação	
<i>Identyfikacja</i>	292
Não leitura	
<i>Nieczytanie</i>	294

Ella no céu	
<i>Ella w niebie</i>	296
Vermeer	
<i>Vermeer</i>	298
Metafísica	
<i>Metafizyka</i>	300
DE CHEGA	
WYSTARCZY, 2012	
Tem aqueles que	
<i>Są tacy, którzy</i>	304
Correntes	
<i>Łańcuchy</i>	306
Coação	
<i>Przymus</i>	308
O espelho	
<i>Lustro</i>	312
Para o meu próprio poema	
<i>Do własnego wiersza</i>	314
Mapa	
<i>Mapa</i>	316
O poeta e o mundo — discurso do Nobel 1996	321

Prefácio

O número Pi e a poesia

Regina Przybycien

Wisława Szymborska não é mais uma desconhecida dos apreciadores de poesia no Brasil. Longe disso. A ótima recepção do livro *Poemas* (Companhia das Letras, 2011), com sua grande repercussão na imprensa e entre leitores e poetas, me incentivou a traduzir um pouco mais da obra dessa fantástica poeta polonesa, ganhadora do prêmio Nobel de literatura de 1996. O resultado são 85 poemas aqui reunidos, selecionados de seus livros publicados a partir de 1957 até o ano de sua morte, em 2012.

A escolha foi feita a partir de toda a obra, mas predominam os poemas da fase inicial (dos livros de 1957, 1962 e 1967) e da final (publicados já no século XXI), incluindo o póstumo *Wystarczy* [Chega], lançado em 2012. Adicionei ainda o discurso proferido por Szymborska por ocasião do recebimento do prêmio Nobel por se tratar de um texto que lança luz sobre sua poética.

A distribuição dos poemas é cronológica para dar uma ideia dos temas que Szymborska abordou ao longo de meio século de atividade literária. Estes evidenciam o vasto leque de seus interesses, que abrange as ciências e a filosofia, o micro e o macrocosmo, a história antiga e contemporânea, assim como a vida cotidiana, na qual sempre consegue ver algo inusitado e assombroso. Temas sombrios em sua maioria, mitigados pelo

humor e pela leveza da linguagem. Um olhar muitas vezes irônico para as tragédias do século, a fragilidade da vida, a indiferença do universo, a incomunicabilidade entre os homens e entre os humanos e as outras formas de vida. Formulação de perguntas que desestabilizam maneiras de ver o mundo, convicções arraigadas, certezas.

Em seu discurso do Nobel, a poeta afirma que valoriza sobretudo as palavras “não sei”, pois são elas que possibilitam a abertura para outros modos de ver e ser. O frescor desse modo de ver e a extraordinária capacidade de questionar coisas aparentemente óbvias atraem as pessoas para sua poesia que, sem deixar de ser acessível, mergulha em profundidades insuspeitadas. O poeta Stanisław Barańczak, seu tradutor para o inglês, observa que muitos dos poemas de Szymborska “começam de modo provocativo, com uma pergunta, observação ou afirmação que parece absolutamente banal para, em seguida, surpreender-nos com uma continuação inesperada, mas lógica”.¹

Pode-se dizer que a poesia de Szymborska é prosaica pelo tom próximo da fala que caracteriza muitos poemas (mas não todos) e pela quase ausência de um lirismo elevado. Suas biógrafas citam um trecho de uma entrevista que ela concedeu em 1975 na qual admite que se sente um pouco como uma escritora de prosa: “Parece-me que esses críticos que acham que eu às vezes escrevo como que novelinhas em miniatura, que são na verdade pequeninas histórias com

1 Stanisław Barańczak, “Afterword”. In: _____. *Wislawa Szymborska: Nothing Twice — Selected poems*. Cracóvia: Literackie, 1997, p. 391.

alguma ação — talvez tenham razão”.² De fato, em certos poemas os primeiros versos apresentam um cenário e personagens em torno dos quais nos versos seguintes se desenvolve uma ação. O fecho quase sempre é uma reflexão filosófica sobre a historinha apresentada. Observe-se, a título de exemplo, o início do poema “Acontecimento”: “Céu, terra, manhã,/ a hora: oito e quinze./ Sossego e silêncio/ na grama amarelada da savana”. A ação dramática que se desenrola a seguir é a perseguição mortal de um antílope por uma leoa faminta: “Súbito uma perturbação na doce imobilidade./ Dois seres que querem viver se lançam numa corrida./ Um antílope em fuga impetuosa/ e atrás dele uma leoa ofegante e faminta”. O tropeço do antílope numa raiz que reponta da terra determina o desfecho do drama: a vitória da leoa. O que fez com que houvesse uma raiz no caminho do antílope? Acaso? Destino? São indagações a respeito da natureza dos acontecimentos sobre os quais não se tem nenhum controle e que determinam a vida ou a morte.

No poema “Medo do palco”, Szymborska ironiza a necessidade de diferenciar o poeta do prosador: “Poetas e escritores./ É assim que se diz./ Logo, poetas não são escritores, então o quê”. O desejo das pessoas de estabelecer fronteiras advém de uma concepção da poesia como algo elevado, pertencente à esfera do sublime, enquanto a prosa é considerada mais mundana. Na prática, os limites são tênues, como sugere a pergunta que encerra o poema:

2 Anna Bikont; Joanna Szczęsna. *Pamiątkowe rupiecie: Biografia Wisławy Szymborskiej*. Cracóvia: Znak, 2012, p. 184. [Tradução minha.]

*E que diferença é essa,
perceptível apenas na penumbra,
sobre o fundo de uma cortina bordô
com franjas violeta?*

O interesse da poeta pelas ciências é evidente. A astronomia, a matemática (veja-se o divertido “Número Pi”) e sobretudo a biologia fornecem inspiração para suas criações. A questão da evolução das espécies está presente em vários poemas, dentre os quais o mais criativo, a meu ver, é “Thomas Mann”. O nome do escritor aparece somente no título, pois o poema é na verdade uma reflexão sobre a fantasia e os fatos da natureza (nesse caso, a evolução). O que escapa às leis naturais, alçada à esfera do prodigioso, é a mão que escreve, isto é, a literatura de Thomas Mann.

A curiosidade de Szymborska sobre o mundo não é antropocêntrica. Poemas que indagam sobre uma pedra, um grão de areia, um micróbio ou uma planta revelam uma percepção de que o mundo em que vivemos é muito mais complexo do que consegue vislumbrar a limitada consciência humana. A esse propósito, ela declarou: “Dou voltas incessantemente ao redor deste mundo que não é apenas nosso, mas também de muitas outras formas de vida, e procuro entender como elas nos recebem”.³ No poema “O silêncio das plantas”, o eu lírico fala de um diálogo impossível entre o humano e o vegetal. Em “Visto do alto”, um besouro morto num caminho campestre enseja uma comparação entre o significado da morte desse ser e a morte dos homens. Em “Microcosmo”, a atenção

3. Anna Bikont; Joanna Szczęsna, op. cit. p. 211. [Tradução minha.]

é voltada para a natureza dos seres microscópicos, tão pequeninos que “Talvez nem saibam se são — ou se não são./ No entanto decidem sobre nossa vida e morte”.

Personagens da Bíblia, da mitologia greco-romana, da história e da literatura são revisitados pela poeta numa leitura questionadora dos papéis que lhes foram atribuídos pela tradição, esvaziando-os de significados consagrados e trazendo-os para uma dimensão humana. Assim, em “Noite”, a voz lírica se rebela contra o sacrifício injusto de Isaac ordenado por Deus a Abraão; em “Monólogo de Cassandra”, a profetisa lamenta seu distanciamento da vida, das pessoas; em “O resto”, Ofélia, personagem de Shakespeare, não é uma mulher mergulhada na loucura por causa da rejeição do amado, mas uma atriz que deixa o palco preocupada com coisas práticas, como a composição da roupa e do cabelo.

Michał Rusinek, que foi secretário de Szymborska de 1996 até sua morte, em 2012, publicou recentemente um livro de memórias.⁴ Nele encontramos detalhes sobre a vida, o pensamento, as idiossincrasias e o processo de criação dessa poeta extraordinária. Rusinek conta que Szymborska não gostava de recitais, feiras de livros, festivais e não limitava seu círculo de amizades aos poetas e escritores. Achava que a poesia não nasce de conversas com poetas ou sobre poesia, daí sua amizade com matemáticos, físicos, geólogos, os quais podiam lhe revelar algo interessante e indicar leituras.⁵

Ao longo dos anos, Szymborska publicou uma série de pequenas crônicas sob a rubrica *Lektury nadobowiązkowe* [Lei-

4 Michał Rusinek, *Nic zwyczajnego: O Wisławie Szymborskiej*. Cracóvia: Znak, 2016.

5 Ibid., p. 243.

turas não obrigatórias] principalmente no semanário *Życie Literackie* (de 1967 a 1981) e no jornal *Gazeta Wyborcza* (de 1993 a 2002). Essas crônicas foram reunidas e publicadas em 2015.⁶ Inicialmente concebidas como resenhas de livros, elas logo se tornaram comentários que tinham como ponto de partida determinada obra, mas que enveredavam por caminhos inesperados e divertidos. O costume na redação, informa Szymborska, era resenhar obras de beletrística ignorando releituras de clássicos, dicionários, enciclopédias, manuais do tipo “como fazer” e obras de popularização das ciências. A poeta decidiu então dedicar sua atenção a esses livros negligenciados pela crítica. No início tentou fazer resenhas verdadeiras, mas logo chegou à conclusão de que não conseguia nem tinha vontade de fazê-lo. Preferia permanecer uma leitora amadora e ter a liberdade de dar asas à imaginação.⁷ A imensa variedade de assuntos dessas leituras certamente ajudou-a a encontrar inspiração para seus poemas.

Mas o que a poeta valorizava sobremaneira era a vida comum, na qual sempre encontrava motivo para assombro. Um de seus pintores favoritos era Vermeer, justamente porque ele imortalizou em suas telas personagens comuns em atividades cotidianas. O poema “Vermeer” celebra o extraordinário presente nas ações ordinárias:

*Enquanto aquela mulher do Rijksmuseum
atenta no silêncio pintado
dia após dia derrama*

6 Wisława Szymborska, *Wszystkie lektury nadobowiązkowe*. Cracóvia: Znak, 2015.

7 Ibid., p. 5. Prefácio da autora.

*o leite da jarra na tigela,
o Mundo não merece
o fim do mundo.*

Poucos são os poemas de Szymborska que têm um viés subjetivo. Eles aparecem com mais frequência nos últimos livros, embora temas como a passagem do tempo e as inevitáveis mudanças no indivíduo tenham sido abordados bem antes, por exemplo, no poema “Riso”, de 1967:

*A menina que fui —
conheço-a, é claro.
Tenho umas fotos
de sua vida breve.
Sinto certa pena
de alguns versinhos.
Lembro-me de alguns eventos.*

O tema reaparece, muito mais elaborado, no poema “Adolescente”, do livro *Tutaj* [Aqui], de 2009. Nele, o “encontro” da poeta com a adolescente que havia sido lhe permite observar as diferenças entre ambas — diferenças físicas, mas não só. Também a atitude em relação à vida, ao tempo, à escrita de versos. O que as duas têm em comum? Apenas um cachecol tricotado pela mãe, signo de um elo profundo entre mãe e filha que a passagem do tempo não destrói.

Szymborska gostava de Ella Fitzgerald e durante muito tempo pensou em escrever um poema em homenagem à cantora, o que aconteceu em 2009 com a publicação de “Ella no céu” (que curiosamente, e não só por causa do título,

lembra o poema “Irene no céu”, de Manuel Bandeira). Seus comentários sobre a intérprete revelam muito sobre ela mesma e sua atitude perante a criação. Numa conversa com suas biógrafas, Szymborska comenta: “Ela cantava como se apenas respirasse. Diante de cada texto, fosse ele triste, alegre ou muito dramático, punha-se à parte, não entregava a alma por inteiro”.⁸ Podemos inferir dessas observações a valorização de uma poética de contenção e distanciamento. Szymborska fala mais do mundo e menos de si.

Nesse aspecto (embora provenham de culturas e tradições distintas), ela se aproxima de Elizabeth Bishop, poeta norte-americana famosa pela contenção e acuidade do olhar. Como Bishop, que escreveu relativamente pouco e levava anos compondo um poema, deixando espaços em branco nos versos até encontrar palavras que a satisfizessem, Szymborska também era muito rigorosa com sua produção: “Guardo o poema por muito tempo para examiná-lo com atenção. Na verdade, escrevo muito mais do que parece. Mas para isso existe o cesto de lixo”.⁹

Traduzir Szymborska é uma atividade lúdica, mas às vezes também um pouco sofrida. Sua linguagem clara e aparentemente acessível pode ser enganosa. Uma dificuldade característica é a tradução de jogos de palavras tirados de expressões correntes da língua polonesa (e portanto reconhecíveis para um leitor polonês), que ela reinventa no contexto do poema pela mistura de dois campos semânticos. Eis um exemplo: no poema “Thomas Mann”, ela apropria a

8 Anna Bikont; Joanna Szczęsna, op. cit., pp. 366-7.

9 Ibid., p. 191. [Tradução minha.]

expressão popular “*obiecanki-cacanki*”, utilizada ironicamente para se referir a promessas vazias (como a dos políticos em época de campanha eleitoral), e a transforma no neologismo “*składanki-cacanki*”, em que a primeira palavra significa miscelâneas, misturas e, no campo musical, pot-pourri. No poema, o termo se refere às misturas de elementos díspares que compõem os corpos de seres como anjos, sereias e faunos, seres que antes do advento da ciência moderna eram vistos como parte do mundo e que a modernidade relegou definitivamente à esfera do imaginário. O significado da expressão no poema seria algo como “misturas falsas”. Há ainda outro elemento complicador para a tradução: as duas palavras rimam entre si. Ignorar a rima tiraria muito da graça do poema. Essa expressão me perseguiu durante muito tempo, e todas as soluções que me ocorriam não me deixavam satisfeita. Finalmente traduzi a expressão como “mistifórios finórios”. A primeira palavra carrega a ideia de mixórdia, confusão, portanto corresponde até certo ponto à ideia expressa no original. A segunda é, nesse contexto, um desvio semântico que visa privilegiar o jogo sonoro. O problema é que essas palavras não são de uso corrente como é a expressão original em polonês. Deixo para o leitor inventivo a possibilidade de encontrar outras soluções mais interessantes.

Nos primeiros livros de Szymborska há alguns poemas com métrica e rima regulares, forma que ela depois abandona, adotando o verso livre. O metro típico da língua polonesa tem oito, onze ou treze sílabas. Os poemas “Nada duas vezes” e “Engano”, por exemplo, são constituídos de versos de oito e treze sílabas, respectivamente. Ignorei a métrica porque ela é exceção e não regra na poesia de Szymborska. Privilegiar

a forma adotando uma métrica regular da língua portuguesa na tradução exigiria uma recriação que não me propus tentar, mas procurei, sempre que possível, recriar em português o esquema de rimas do original.

Não acredito no recurso de notas explicativas na tradução de poesia. O poema funciona ou não funciona. O leitor julgará.

Os poemas aqui reunidos foram tirados dos seguintes livros de Wisława Szymborska: *Wiersze Wybrane* (a5, 2010); *Tutaj* (Znak, 2009) e *Wystarczy* (a5, 2011).

Devo agradecimentos a várias pessoas pela ajuda na elaboração deste livro. Marcelo Paiva de Souza revisou as traduções e me deu sugestões valiosas, Gabriel Borowski e Marcin Raiman fizeram leituras críticas e esclareceram dúvidas do polonês, e Eduardo Nadalin fez a revisão textual. As eventuais falhas naturalmente são minhas.

CHAMANDO POR YETI

Noc

*I rzekł Bóg: Weźmij syna twoego jednorodzonego,
którego milujesz, Izaaka, a idź z nim do ziemi Moria
i tam go ofiarujesz na całopalenie na jednej z gór,
która tobie wskażę.*

*Co takiego zrobił Izaak,
proszę księdza katechety?
Może piłkę wybił szybę u sąsiada?
Może rozdarł nowe spodnie,
gdy przechodził przez sztachety?
Kradł ołówki?
Płoszył kury?
Podpowiadał?*

*Niech dorośli
leżą sobie w głupim śnie,
ja tej nocy
muszę czuwać aż do rana.
Ta noc milczy,
ale milczy przeciw mnie
i jest czarna
jak gorliwość Abrahama.*

*Gdzie się skryję,
gdy biblijne oko boże
spocznie na mnie
jak spoczęło na Izaaku?*

Noite

*Deus disse: toma teu filho, teu único filho,
a quem tanto amas, Isaac, e vai à terra de Moriá,
onde tu o oferecerás em holocausto sobre um dos montes
que eu te indicar.*

Mas o que foi que o Isaac fez?
seu padre me diga.
Quebrou a vidraça do vizinho?
Rasgou a calça nova que usava
quando pulou a cerca de ripa?
Roubou um lápis?
Enxotou as galinhas?
Colou na prova?

Os adultos que durmam
um sono tolo assim,
esta noite
eu preciso vigiar até a aurora.
A noite se cala,
mas se cala contra mim,
escura
como o fervor de Abraão.

Onde vou me esconder,
quando em mim pousar
o olhar bíblico de Deus
como pousou em Isaac?